

I. MEMÓRIA DE REUNIÃO

Data / Horário	17/10/2012	
Local	Associação de Moradores	
Público	Moradores do Reassentamento Morrinhos, representantes da SAE	
Pauta	Insumos agrícolas, fossas, poços, auxílio financeiro, reserva legal, abertura de nova área no lote	
Participantes	Ivan Silveira	Coordenador Fundiário - SAE
	José Luiz Borges	Analista - equipe Fundiária - SAE
	Rodrigo Pelegrini	Comunicação Social - SAE
	“Cazu”	Representante MAB
Público presente	18 pessoas	

DESENVOLVIMENTO

Após a abertura, o Sr. Tomaz, um dos moradores, falou sobre as dificuldades em obter retorno financeiro devido os altos custo na manutenção de sua produção.

Em seguida, Ivan Silveira, Coordenador Fundiário da SAE, enfatiza que tanto a vida no campo como a vida na cidade têm as suas dificuldades e que a SAE não pode ser a provedora de todas as coisas, mas que a empresa estava dialogando com a comunidade em busca de alternativas para identificar o que é de competência da SAE, do município, do estado e dos moradores. Acrescentou que iria continuar trabalhando na comunidade, apoiando a produção por meio de insumo, calcário, adubo orgânico, adubo químico e com o repasse de combustível e óleo para os moradores trabalharem no trator, sem o auxílio.

Sr. Tomaz relembrou que a proposta da empresa ao mudá-los para o reassentamento era deixá-los em condição melhor ou igual a que tinham antes, mas que isso não estava acontecendo. Foi lembrado pelo Sr. Ivan que o processo de

mudança para o reassentamento foi acordado por meio de um Termo e que a parte da empresa estava sendo cumprido e que se existe diferença em relação ao esperado, essa é outra questão. Destacou que os reparos nas casas foram realizados e que, agora, os moradores têm que providenciar a manutenção. Acrescentou que os lotes que têm problema com fossa e poço estão sendo arrumados. O morador e presidente da associação de Morrinhos, Sr. Pedro, falou da dificuldade na produção em seu lote e que fora acordado trazê-los para uma terra produtiva, que depois de 1 ano eles receberiam o calcário e o adubo para a correção do solo. Alegou que, mesmo depois de 1 ano 6 meses eles ainda não têm produção para se manterem. “Se a terra tivesse sido devidamente corrigida num período de 10 meses, já estaríamos produzindo. Mesmo os produtores que trabalham muito ainda não conseguiram. É dever da empresa ajudar a comunidade até eles poderem produzir para a sua subsistência”. Acrescentou que sua família não tem outro meio de subsistência e que sua situação não é diferente da maioria.

Em seguida, o Sr. Euclides, morador, falou sobre o grande investimento que fez na terra, incluindo um especialista para ajudá-lo na produção, e que não teve retorno. Enfatizou que só a ajuda com o calcário não funciona para produzir, que a terra precisa se preparada para cada tipo de plantio e que, se sua produção estivesse dando certo, ele não precisaria de auxílio financeiro.

Foi esclarecido pelo Ivan que a prorrogação do auxílio não constava no Termo, mas foi feita e, desde o início, foi esclarecido qual o seu objetivo. Acrescentou que a empresa tinha disponibilizado os insumos para que os moradores pudessem ter produção agora e que estava disponibilizando mais para que pudessem ter produção depois. Destacou que essa é a parceria que a empresa estava propondo e que não haveria mais recurso.

O morador Euclides falou que investiu R\$ 50 mil na produção e não teve retorno. O Coordenador Fundiário declarou que, por seus anos de experiência, é muito improvável, do ponto de vista técnico, tanto pelo tamanho da terra, quanto pelo tamanho do investimento, que isso aconteça e que, se aconteceu, tem que ser comprovado. Acrescentou que a EMATER teria a avaliação de cada lote.

A sra. Pedrina, moradora, perguntou a respeito dos lotes que não tinham os 3ha: “Como os moradores iriam receber insumo para trabalhar nessas áreas se eles não tinham o trator de esteira e dinheiro para limpá-las?”

Ivan Silveira respondeu que todos os lotes teriam pelo menos 4ha e que os insumos que estão vindo são para 4ha: 16 toneladas de calcário, 8 de adubo orgânico e 2 de adubo químico.

Em seguida, a sra. Vandete, moradora, falou que, no seu caso, o trator não teria como trabalhar atrás do seu lote, porque ele tinha muitos troncos de madeira. Ivan respondeu que seu caso teria que ser verificado e que condições para trabalhar eles teriam, que a empresa estava há 18 meses dando esse apoio e que iriam continuar por meio de ajuda na produção, insumos e combustível para o trator trabalhar.

Na sequência, o presidente da Associação lembrou que, no local de origem, não dependiam de insumos. Também disse que o trabalho da EMATER não estaria “dando jeito, porque ela não era santa”. Ivan Silveira reforçou que o acordo estava sendo apresentado e que não haveria mais auxílio. Acrescentou que a parte técnica estava sendo feita e que o trabalho deveria ser feito pelos moradores. Também destacou que a quantidade de insumos foi calculada em função da análise do solo e que a EMATER estaria supervisionando isso. Disse, ainda, que a conversa estava sendo direcionadas apenas para o dinheiro.

o representante do MAB, “Cazu”, perguntou de onde parte a análise da empresa de que os moradores de Santa Rita e Morrinhos já possuem capacidade de produção e renda que garanta a sustentabilidade das famílias. “Seria a partir da análise da EMATER? Seria um olhar da equipe técnica agrônômica da SAE? Da equipe social? De onde parte a análise de que as ações na fertilidade do solo são suficientes para garantir a sustentabilidade da renda das famílias?”

Ivan Silveira alegou que a base é o que foi combinado no ano passado, de que a prorrogação seria por um determinado período e que seriam entregues os insumos para ajudar na produção e que, findo o auxílio, o mesmo não seria mais prorrogado. Acrescentou que há informações da EMATER e do monitoramento. Destacou que o auxílio foi colocado com uma finalidade e que foi prorrogado pela mesma finalidade e que, para as questões que envolvem a produtividade da terra, a empresa continuaria a dar apoio. “Cazu”, representante do MAB, questionou que era conhecido todo o processo de remoção das famílias, a velocidade do processo, o fato de as áreas não terem sido preparadas para receber esses moradores e que o modelo de produção colocado pela empresa era diferente do modelo de onde eles vieram, que as famílias iriam encontrar dificuldades nesse modelo e isso não seria resolvido em um, dois ou

três anos. “Três anos de assistência técnica da EMATER não seriam suficientes para as famílias aprenderem a produzir nos lotes. É um novo solo, um novo método de produção. A reivindicação não é em torno da verba. As famílias querem geração de renda dentro desse reassentamentos”. Acrescentou que o calcário, o adubo, o apoio no combustível são ações, mas que não são garantia de rentabilidade às famílias. Segundo ele, pela experiência do MAB, “se a empresa olhar os reassentamentos dessa forma, o que terão daqui a alguns anos é uma dívida social com essas comunidades”. Disse, ainda, que a comunidade precisa entender a relação da empresa com a EMATER, que isso não está colocado de forma muito clara para as famílias, que existe uma insatisfação muito grande com o trabalho e até um certo desconhecimento. Segundo ele, a decisão da empresa é fruto de um acordo do passado e não está sendo mediado pela realidade do hoje. Acrescentou que, para ele, “o acordo era que a verba de manutenção seria mantida até que fossem garantidas as condições das famílias tirarem da sua terra, da sua força de trabalho a sua geração de renda. Para as famílias, é difícil conseguir rentabilidade com aquele modelo de produção”.

A sra. Pedrina disse que a empresa “colocou os moradores naquela terra e agora quer pôr a responsabilidade de produção nas costas dos moradores”.

Ivan Silveira informou está apresentando o que será feito e reiterou que onde houver dificuldade com a produção, eles vão apoiar.

Em seguida, o Sr. Francisco, morador, perguntou se o trabalho de drenagem chegaria antes das águas. Ivan Silveira respondeu que não teria trabalho de drenagem naquela área.

Sr. Pedro perguntou se a empresa poderia doar 2 bombas para aplicação de veneno contra os mosquitos. Ivan Silveira respondeu que essa era uma atribuição da FUNASA e que se ela tivesse algum projeto teria que apresentar para a empresa.

Para encerrar a reunião, Ivan solicitou à comunidade que Associação e associados estivessem em sintonia para que os recursos e a parceria firmada entre SAE e Morrinhos desse certo.



REGISTRO DE REUNIÃO

II. LISTA DE PRESENÇA

LISTA DE PRESENÇA – REUNIÃO
Moradores do Reassentamento Morrinhos

Data: 17/10/2012

Horário: 09 horas

Local: Barracão da Associação de Moradores do Reassentamento Morrinhos

Pauta: Insumos agrícolas, fossas, poços, auxílio financeiro, reserva legal, abertura de nova área no lote.

	Nome
1.	AMARIL M. ALMEIDA
2.	Amílcar de M. Salustiano
3.	João do Batista da Silva
4.	Reinaldo de S. Oliveira
5.	Edmilson de Lima Farias
6.	Elisavanda Nascimento da Silva
7.	João Filho
8.	Benivaldo Cabral dos Santos
9.	Keite Marconi A. de Souza
10.	Estimé de Nascimento Lima
11.	Existiane Sardoso de Almeida
12.	Mãe da Conceição Amorim
13.	Thelma Regina Pessoa
14.	Moacir Araújo Freitas
15.	Chenice Lopes de Souza
16.	Edson Braga da Silva



CAIÃO SALBERTO RIBEIRO RICA

17.	Bracilto Maximiliano de Silva
18.	Francisco Rogério da Silva
19.	
20.	
21.	
22.	
23.	
24.	
25.	
26.	
27.	
28.	
29.	
30.	
31.	
32.	
33.	
34.	
35.	
36.	
37.	
38.	
39.	
40.	

III. REGISTRO FOTOGRÁFICO

